

Ruas e Avenidas



**CÂMARA
MUNICIPAL DE
VARGINHA**



*Os caminhos da história
de Varginha*

Apresentação

Quem anda apressado pelas ruas, avenidas e vielas de Varginha talvez não se dê conta de que as esquinas que se cruzam trazem muito mais histórias do que as placas ali anunciam. São nomes comuns ou de grande expressividade do município, do estado ou país que ajudaram a compor o processo de desenvolvimento social, econômico e identitário da nossa cidade.

Mesmo que não tenham nascido em solo varginhense, de uma forma ou de outra, homens e mulheres com robusta força econômica, convictos ideais nacionalistas e visão empreendedora entraram definitivamente para a nossa história e foram imortalizados pelo nosso patrimônio material e imaterial.

Com o presente trabalho, a Câmara de Varginha mais uma vez colabora para a preservação da memória da cidade ao jogar luz sobre o passado, compartilhando narrativas e fatos curiosos sobre dezenas de logradouros da cidade. Vias cheias de história e que, hoje, sedimentam os passos dos varginhenses ávidos por construir o futuro. Boa leitura!

Este livro é uma publicação da
Câmara Municipal de Varginha.
Jornalista responsável: Mirella Penha
MTb 13.314/MG

Índice

Avenida Almirante Barroso	6
Avenida Celina Ferreira Ottoni	8
Avenida Cornélia de Carvalho Dominguito	10
Avenida Dom Othon Motta	12
Avenida Dr. José Justiniano dos Reis	14
Avenida Dr. José Marcos	16
Avenida Dr. Módena	18
Avenida dos Expedicionários	20
Avenida Francisco Navarra	22
Avenida dos Imigrantes	24
Avenida Manoel Vida	26
Avenida Marlene Pieve Miranda	28
Avenida Rio Branco	30
Avenida Rogassiano Francisco Coelho	32
Avenida São José	34
Avenida dos Tachos	36
Fotos Históricas	38



Rua Antônio Bregalda	46
Rua Aristides Paiva	48
Rua Delfim Moreira	50
Rua Dr. José Bísaro	52
Rua Dr. Wenceslau Braz	54
Rua Humberto Pizzo	56
Rua Irmão Mario Esdras	58
Rua Presidente Antônio Carlos	60
Rua Professora Helena Reis	62
Rua Professora Reina Esper	64
Rua Rio de Janeiro	66
Rua Salum Assad David	68
Rua Santa Cruz	70
Rua Tiradentes	72

Agradecimentos

Esse livro não poderia existir sem o importante apoio de Claudio Martins (Fundação Cultural de Varginha); Marcos Resende, comunicólogo e autor de programas de televisão; Tiago Rezende Bernardes, proprietário da Fazenda dos Tachos; Ana Cláudia Caseiro de Oliveira, historiadora (Museu Regional Casa dos Ottoni/Ibram); Anselmo Salum Del Fraro David, presidente do Clube de Varginha; Rafaela Leandro, assistente administrativo do Clube de Varginha; Catarina Esper Ferreira; Ricardo Luis Ferreira Gonçalves e Gleison Marques, servidores da Câmara Municipal; Eduardo Benedito Ottoni, ex-vereador e ex-prefeito de Varginha, além de ex-deputado estadual por Minas Gerais.

Avenida Almirante Barroso



CENTRO

EXTENSÃO
APROXIMADA:

1,14 km



Chegue fácil
e conheça este
endereço.

Na MG-26, atual MG-167, que liga Varginha a Três Pontas, onde se vê a pista com sinalização horizontal e o trevo do Posto Geraldo Lima, está a atual avenida Almirante Barroso, figura de notoriedade histórica e conhecida como Barão do Amazonas. De tão importante que prometia ser essa redondeza, a conclusão do seu asfalto recebeu nomes ilustres de Minas, como o governador da época, o engenheiro Israel Pinheiro. No lugar das lojas no trevo do Geraldo Lima, não havia nenhuma loja, nenhuma casa. Mas hoje, entre os bairros Parque Boa Vista e Vila São Geraldo, o quilômetro e meio de extensão da avenida é uma das artérias de Varginha.

Francisco Manuel Barroso da Silva foi um dos nomes que consolidou o trabalho de defesa das águas brasileiras na Marinha do Brasil. Nasceu na Lisboa do início do século XIX, mais precisamente em 29 de setembro de 1804. Nessa época, início do

século XIX, Portugal vivia um momento particularmente tenso, com a proclamação de Napoleão Bonaparte como imperador da França. Esse fato histórico significaria o prenúncio de uma crise financeira e diplomática em território português – uma vez que Napoleão decretara o Bloqueio Continental, fechando os portos dos países europeus ao comércio inglês e obrigando Portugal a cortar relações comerciais com os ingleses – com a transferência da monarquia portuguesa para o Brasil em 1807.

Nesse momento de fragmentação de Portugal e com o Brasil tornando-se capital do reino, está a história da família de Francisco Manuel Barroso, que cruzou mares com a Família Real portuguesa, chegando ao Rio de Janeiro em 1808. O espírito navegante e desbravador de Francisco corria em suas veias desde sempre, levando-o a ingressar ainda muito jovem,

como aspirante, na Academia da Marinha Brasileira, em 1821. “Homem do mar”, passou a sua vida num convés, a defender o Brasil pelas suas águas de proporções continentais, fazendo parte “de uma geração que se destacou pela competência e bom êxito alcançado, em uma fase da História do Brasil que foi fundamental para que as gerações atuais herdassem este País”, como orgulhosamente define a Marinha do Brasil.

Austero, objetivo e disciplinador, esteve a serviço da Armada Imperial Brasileira como almirante até o final da sua vida, em 1882. Atuou em diversos conflitos armados, tendo sido a Guerra do Paraguai o mais significativo, no qual foi o comandante que conduziu a Armada Brasileira à vitória na Batalha do Riachuelo, durante a Guerra da Tríplice Aliança. A sua atuação à frente da marinha imperial brasileira rendeu-lhe várias homenagens,

como a condecoração Imperial Ordem do Cruzeiro.

Clubes náuticos, praças, monumentos, ruas e avenidas, como a nossa, em Varginha. Por toda a parte do Brasil, o nome do Almirante Barroso ajuda a localizar uma parte da história do país.

+info



CURIOSIDADE

Em Lisboa, cidade natal de Barroso, há uma rua em sua homenagem e também uma placa na casa onde nasceu. Também no Chile, há uma rua que leva o nome de Almirante Barroso.

Avenida Celina Ferreira Ottoni



EXTENSÃO
APROXIMADA:

7 km



Chegue fácil
e conheça este
endereço.

O domingo era um dia especial para Celina Ferreira Ottoni. Depois de ir à missa às dez da manhã, ela abria a casa para receber a família em um tradicional almoço. Aquele era o momento de reunir quem amava em volta da mesa e compartilhar o seu talento culinário, servindo um delicioso lombo assado, acompanhado de maionese, além de doces memoráveis, responsáveis por estender cada encontro tarde adentro.

Celina se foi, mas a alegria da matriarca e o legado de dedicação à família e de uma vida pautada pela solidariedade permanecem vívidos. Uma trajetória que se mistura à história de Varginha, mas que começou em Baependi, uma pacata cidade mineira. Foi no município entalhado pela Serra da Mantiqueira e cortado pela Estrada Real que Celina nasceu em julho de 1915. Ali cresceu ao lado dos sete irmãos e dos pais José Eugênio Ferreira e Maria Emília Ferreira. Em Baependi, também, conheceu o marido,

o engenheiro agrônomo Honório Benedicto Ottoni, viúvo e já pai de duas meninas, Thais e Belkiss.

Após morarem em algumas cidades mineiras e paulistas, a família adotou Varginha como morada definitiva em 1957. O motivo da mudança foi a instalação do Instituto Brasileiro do Café na cidade, e que teria Honório como o seu diretor regional, implementando um vigoroso programa de renovação da cafeicultura mineira. O IBC, como era chamado, nasceu com o intuito de fomentar políticas para o setor, oferecer assistência técnica e formular estratégias para a cultura e o comércio do café consumido dentro do país ou exportado mundo afora.

Enquanto o marido sedimentava o protagonismo varginhense na cafeicultura, Celina se envolvia com as ações de assistência social realizadas pelas damas de caridade, vinculadas à Igreja Católica. Em casa, costurava e zelava, ainda, pela educação dos filhos Maria Alice, Ma-

riia, Eduardo e Maria das Graças. As enteadas Belkiss e Thais já haviam se casado e residiam em Belo Horizonte, onde, também, Carlos Honório e Magno Augusto continuavam os seus estudos.

Celina faleceu em 1973, três anos antes de o filho Eduardo assumir a Prefeitura de Varginha. Foi na sua gestão que ele projetou uma importante avenida com cerca de sete quilômetros e pista dupla, deixando implantada a primeira pista, sendo que a segunda pista seria implantada posteriormente. Essa via recebeu o nome de Celina no final da década de setenta, por proposição legislativa do então vereador Mauro José Teixeira. A avenida nasceu com o intuito de interligar uma área residencial do município à zona industrial, firmando-se, ao longo dos anos, como uma avenida comercial de grande circulação, uma das artérias da cidade. Talvez a analogia com os importantes vasos que levam o sangue ao coração – fun-

ção fundamental para a vida – seja oportuna para marcar a presença afetiva e vital de Celina na existência de todos que a conheceram pessoalmente ou através das histórias que a família faz questão de manter vivas.



CURIOSIDADE

Quem guarda parte da trajetória dos Ottoni no Brasil é o Museu Regional Casa dos Ottoni / Ibram, localizado em Serro (MG): “Segundo estudos genealógicos, a família Ottoni tem origem italiana e o primeiro Ottoni a chegar ao Brasil foi o genovês Manoel Ottoni. Isso aconteceu na década de 1720. (...) Seu neto, Manoel Vieira Ottoni, foi o primeiro Ottoni a viver na Vila do Príncipe, onde exerceu a função de ajudante de ensaiador e, posteriormente, ensaiador da Casa de Fundação (...). Em 1763, ele se casou com Anna Felizarda do Prado Leme, cuja família descendia do bandeirante Fernão Dias Paes Leme”.

Avenida Cornélia de Carvalho Dominguito



EXTENSÃO APROXIMADA:

286,87 m



Chegue fácil e conheça este endereço.

Assim como muitas mulheres que viveram no século XX, período em que se tornar independente era uma missão quase impossível para elas, Cornélia de Carvalho Dominguito dedicou sua vida exclusivamente à família.

Cornélia foi filha de Manoel Joaquim de Carvalho, então proprietário da Fazenda Santa Terezinha, uma extensa propriedade que anos atrás foi inclusa no projeto “Minha Casa, Minha Vida”, transformando-se posteriormente no bairro Carvalhos.

Ao lado de Luiz Dominguito, dono da antiga Fazenda da Serra, Cornélia teve 18 filhos e criou todos na zona rural da cidade. Mulher forte e perseverante que foi, cuidou da casa e da educação de seus descendentes com muita atitude e coragem. Não à toa, recebeu diversas vezes o título Mãe do Ano, homenagem prestada por prefeitos como Aloysio Ribeiro de Almeida, Eduardo Ottoni e Dilzon Mello. Corné-

lia faleceu aos 87 anos, deixando um legado de ensinamentos de vida que só uma mulher como ela poderia.

Em 2011, foi aprovado o projeto de Lei apresentado pelo vereador Fernando Guedes Oliveira, que dispõe sobre a denominação de logradouro. A então “Avenida A”, do bairro Carvalhos, passou a se chamar Avenida Cornélia de Carvalho Dominguito.

+info

CURIOSIDADE

O bairro dos Carvalhos é um dos mais novos conjuntos habitacionais de Varginha. Em 2012, as 431 famílias contempladas pelo programa “Minha Casa, Minha Vida” receberam as chaves das primeiras casas do bairro.

Avenida Dom Othon Motta



CENTRO

EXTENSÃO APROXIMADA:

883,11 m



Chegue fácil e conheça este endereço.

Dom Othon Motta trabalhou tanto em prol do estado de Minas Gerais que, se ainda estivesse vivo, poucos desconfariam de sua origem carioca. Mas antes de qualquer outra informação, é bom que se saiba que o bispo iniciou sua vida religiosa ao participar de estudos clericais em seminários no Rio e em São Paulo. Em 1936, recebeu a missão que mudaria os rumos de sua história: foi designado professor no Seminário São José do Rio Comprido, da Arquidiocese do Rio de Janeiro, onde também atuou como Diretor Espiritual. Anos mais tarde, em 1953, foi nomeado bispo auxiliar em Juiz de Fora, Minas. Dois anos depois, passou a ocupar a posição de bispo auxiliar do Arcebispo do Rio de Janeiro e, em 1959, foi finalmente intitulado bispo coadjutor na cidade de Campanha, cerca de 50 km de Varginha. Em Campanha, Dom Othon pôde exercer de forma plena o

seu lema episcopal: *in vinculis caritatis*, que significa, em latim, “nos vínculos da caridade”. Segundo a diocese de Campanha, ele percorreu por várias vezes todo o território de seu bispado, sendo um pastor zeloso e acessível a todos.

DOM OTHON MOTTA E VARGINHA

Você, leitor, pode estar pensando: “Já falamos de Rio, São Paulo, Juiz de Fora e Campanha. Onde está a relação do bispo com Varginha?”. Bem, não é à toa que a Avenida Othon Motta faz uma homenagem à sua pessoa. Foi durante o bispado de Campanha que Motta teve um importante papel na história de Varginha. Ele foi responsável pela criação de duas paróquias em 1960: a de Mártir São Sebastião e a de Nossa Senhora do Rosário, ambas fundadas a partir do desmembramento da antiga Paróquia do Divino Espírito Santo. Em 1961, formou-se a primeira

turma de Primeira Comunhão da paróquia Mártir São Sebastião. Aliás, é interessante destacar que, anteriormente, em Varginha, os estudos religiosos aconteciam nas escolas. A paróquia ainda participou da construção e administração da escola São Sebastião, atual E.M José Camilo Tavares, antes de ser municipalizada. Para além das obras vinculadas à Igreja Católica, Dom Othon Motta teve atribuições bastante relevantes para o desenvolvimento intelectual da cidade. Ele esteve à frente da fundação da Faculdade de Filosofia de Varginha, atual Unis/MG. Entre 1965 e 1976, presidiu uma comissão que buscava assistência para a instalação da faculdade no município e, como pessoa notória, participava ativamente, sem medir esforços, escrevendo cartas manuscritas e datilografadas na procura de apoio. A população de Varginha reconhecia a dedicação de Dom Othon e

tinha um grande apreço por ele. Esse fato ficou ainda mais evidente quando, em 1968, o bispo recebeu o título de Cidadão Varginhense, registrado e documentado pela Câmara Municipal.

+info

CURIOSIDADE

Em 2016, a diocese de Campanha inaugurou o Memorial Dom Othon Motta, aberto à visitação. No mesmo ano, foi instalado o tribunal eclesiástico para o processo de beatificação. A Câmara de Varginha colaborou ao expedir um atestado do título de Cidadania Varginhense, que foi integrado a outros documentos encaminhados posteriormente ao Vaticano.

Avenida Dr. José Justiniano dos Reis



CENTRO

EXTENSÃO APROXIMADA:

1,01 km



Chegue fácil e conheça este endereço.

Acreditar sempre no crescimento e na potência de uma cidade inteira. Por trás desse sentimento empreendedor, além de uma expressiva força de trabalho, estão cidadãos da terra, de nascimento ou de coração, visionários, de vanguarda, que sempre acreditaram na excelência do Sul de Minas no país. Cidadãos das mais diversas formações que atuaram, no dia a dia da sua profissão, e contribuíram para o crescimento social, político e econômico de uma cidade inteira. Um desses cidadãos, sem sombra de dúvidas, é José Justiniano dos Reis, médico que fez do acolhimento aos pacientes a extensão humanitária do seu trabalho, levando saúde à sua população e tornando-se um dos grandes homens de destaque na vida pública de nossa cidade. A sua história de visibilidade tem início em 1915, quando se formou em medicina no Rio de

Janeiro. Anos depois, mais precisamente em 1922, transferiu-se para Varginha, onde atuou ao longo de toda a sua vida. Pelo seu legado de comprometimento e paixão pela medicina, Dr. José Justiniano dos Reis dá nome a unidades de atendimento e a uma importante avenida varginhense. Cuidado e responsabilidade com a vida dos seus pacientes fizeram da sua atuação uma marca histórica na trajetória da família e da nossa cidade.



Avenida Dr. José Marcos



EXTENSÃO
APROXIMADA:

610,23 m



Chegue fácil
e conheça este
endereço.

No dia 24 de março de 1891, nascia José Marcos Xavier de Resende, filho de Anna Jacyntha de Resende e do farmacêutico Antônio Justiniano de Resende Xavier, mais conhecido como Tônico Xavier, ex-prefeito de Varginha.

Desde muito pequeno, José Marcos foi inspirado pela família e não demorou muito para decidir que teria a medicina como uma das suas principais atividades. Quando criança, vivia na botica de seu pai, andando entre os frascos que guardavam os medicamentos manipulados para amenizar a dor, o sofrimento e até salvar a vida de pacientes.

Adulto, formou-se médico pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e atuou como clínico geral, ginecologista e pediatra. Era famoso em Varginha pelo seu vasto conhecimento e por seu empenho em ajudar a quem precisava. Dr. José Marcos encarava a medicina como um sacerdócio, dividindo sua presença entre o consultório e as cavalgadas pelas estradas de

terra, prestando assistência a povoados e vilas distantes. Não era só a vocação para a medicina que o destacava na cidade. José Marcos era reconhecido por seu carisma e pelo poder de comunicação. Gostava de uma boa prosa e sempre tinha uma história divertida para contar aos seus amigos e clientes. Amante da boa música, possuía uma pianola e um gramofone, sendo um freguês assíduo da antiga loja de discos do maestro Fernandez, na rua Presidente Antônio Carlos.

Em sua fazenda, que fazia divisa com a Rua Santa Cruz, plantava frutas, criava gado e cultivava café, empregando dezenas de trabalhadores durante o período de colheita. Generoso, o médico chegou a doar um lote de terra, no alto do cafezal (onde hoje se localiza o bairro Bom Pastor), para construção da torre da ZYB2 Rádio Clube. Ao lado de Margarida de Oliveira Resende, sua esposa, criou o filho José Marcos de Oliveira Resende,

que também se tornou médico na vida adulta e lhe deu quatro netos: José Marcos, Hélia Maria, Carlos Alberto e Paulo Roberto. Assim como a sua geração anterior, Carlos Alberto também seguiu a medicina e atualmente exerce a profissão como clínico e cardiologista, com a mesma ética profissional e o mesmo amor ao próximo com o qual Dr. José Marcos atendia seus pacientes.

HERANÇA DE VALORES HUMANOS

É difícil falar sobre quem foi Dr. José Marcos sem mencionar a importante influência que seus pais Anna Jacyntha e Tônico Xavier tiveram em sua vida. O coronel Tônico fez tanto por Varginha que foi eleito prefeito em 1904. Assumiu o cargo e investiu em saneamento básico, dando os primeiros grandes passos para o avanço do sistema de abastecimento de água potável no município. Como prefeito, priorizou também a saúde, sendo o responsável pela inauguração do Hospital Regional.

A mãe de José Marcos teve um papel muito importante em sua formação. Mulher determinada e de grandes princípios humanitários, Anna se interessava pelos anseios e problemas da comunidade. Lutou muito pela educação de Varginha, e embora não tenha encontrado apoio do bispo da época nem das autoridades estaduais, não desistiu. Destemida e determinada, viajou ao Rio de Janeiro e trouxe à Varginha as irmãs francesas da Congregação dos Santos Anjos. Com a ajuda das religiosas, Anna Jacyntha conseguiu instalar na cidade a primeira instituição de ensino exclusivamente para moças.

+info

CURIOSIDADE

Paralelamente à Avenida Dr. José Marcos, no Bom Pastor, estão a Rua Tônico Xavier e a Avenida Ana Jacinta. De forma simbólica, pais e filho estão lado a lado, eternizados na história do bairro e da cidade pela qual dedicaram suas vidas.

Avenida Dr. Módena



EXTENSÃO
APROXIMADA:

940,23 m



Chegue fácil
e conheça este
endereço.

A história de Varginha foi construída por meio de muito trabalho e determinação de seu povo. Alguns personagens foram cruciais para o empreendedorismo e o desenvolvimento da cidade. Sem dúvidas, Vicente de Módena, mais conhecido como Dr. Módena, foi um deles. É com orgulho que Varginha o homenageou ao batizar com seu nome a avenida que corta os bairros Vila Murad e Vila Martins e Jardim Orlândia.

Para explicar um pouco da importância do médico na cidade, precisamos regressar à década de 1920. Foi nesse período que Dr. Módena chegou em Varginha para operar um trabalho que seria pioneiro na área: a instalação do Sul Mineiro, um instituto que reunia consultórios, laboratórios e salas cirúrgicas. Toda a tecnologia dirigida ao município era um acontecimento inédito, pois pacientes que precisavam enfrentar procedimentos complexos, como cirurgias, antes

percorriam longas estradas em busca de atendimento.

Não foi simplesmente o fato de prestar serviços médicos que transformou Módena numa personalidade reconhecida em todo o Sul de Minas. O que o levou a ser admirado, especialmente pelo povo varginhense, foi sua humanidade e seu caráter que não distinguia classe social, tratando todos com a mesma prestatividade e respeito. A equipe de Dr. Módena cuidou da saúde de grandes personalidades da região, que o recompensavam financeiramente, e também de moradores de rua, operários e pessoas que exerciam atividades comuns, executando consultas e procedimentos gratuitos.

Certa vez, uma cirurgia desempenhada por Módena fez seu nome ecoar para além das fronteiras da região. Tratava-se de uma operação para retirar cálculos renais de uma mulher que sentia pontadas agudas no abdômen. A paciente chegou a ter uma parada respira-

tória, no entanto, o cirurgião conseguiu realizar uma massagem direta no coração, que trouxe de volta os batimentos cardíacos. O caso foi comentado pelos jornais e em todas as rodas de conversas da Varginha daquele tempo.

HOMENAGEM RECEBIDA EM VIDA

Depois de conquistar a estima e o respeito da população por meio do seu trato social e trabalho concedido à comunidade, Dr. Módena recebeu uma memorável homenagem pública em novembro de 1926. A Banda Santa Cruz da Liga Operária Varginhense, acompanhada pelos operários e pelos membros da diretoria, além de uma massa de pessoas que endossava a homenagem, foram até a Praça do Triângulo, ao lado da residência dos Módena. Assim que o médico apareceu na sacada do casarão, um dos operários proferiu um extenso discurso agradecendo por todos os atendimentos e pela benevolência do doutor.

Módena retribuiu, ali na sacada, agradecendo a homenagem. Em um trecho do seu discurso, pronunciou à multidão: “Eu, crescido entre os pobres, conheço perfeitamente as vicissitudes a que a crueldade da sorte obriga seus desprotegidos... Ao abraçar minha carreira, um ideal altíssimo começou a ser meu fto: ajudar com as minhas poucas forças a minorar tanta dor, mitigar tanto sofrimento, levar a cabeceira do pobre enfermo o bálsamo de um pouco de conforto.”.

+info

CURIOSIDADE

O laboratório de raio-x do Dr. Módena ficava na então Praça do Triângulo, ao lado de sua residência. Em 1958, por meio de um decreto municipal, o espaço passou a se chamar Praça Dr. Módena. Mais tarde, o nome foi novamente modificado para o que conhecemos hoje: Praça Champagnat.

Avenida dos Expedicionários



EXTENSÃO APROXIMADA:

477,12 m



Chegue fácil e conheça este endereço.

Quando o mundo ainda se recuperava do efeito avassalador da Grande Guerra (1914-1918), em 1939, inicia-se um conflito de proporções globais, profundamente marcado pelas bombas atômicas e pelo massacre do Holocausto: a Segunda Guerra Mundial. Após seis anos de conflito, Aliados e Eixo enfrentaram-se na Europa, África, Ásia e Oceania, contabilizando mais de 60 milhões de mortes. Embora o Brasil não atuasse frontalmente no combate, esteve política e economicamente envolvido. Um dos mais expressivos apoios se deu com o envio da Força Expedicionária Brasileira (FEB), delegação militar que somaria esforços aos países aliados (Estados Unidos, Inglaterra, União Soviética, Resistência Francesa) contra as Potências do Eixo (Alemanha, Itália e Japão). Em 1943, um ano após o Brasil ter declarado guerra ao “Eixo”, a Portaria Ministerial nº 4.744 deci-

diria o envio de soldados brasileiros à Europa da Segunda Guerra. Mas por qual razão o Brasil passaria a integrar um conflito dessa natureza e dimensão, em eixos geopolíticos que até aquele momento, durante a Era Vargas, não faziam parte das nossas estratégias? A Força Expedicionária Brasileira, ou popularmente conhecida como “Expedicionários” ou “Pracinhas”, foi sobretudo idealizada como resultado de um desdobramento histórico que gerara profunda comoção popular: submarinos nazistas, que trafegavam pelo litoral nordestino, torpedearam seis navios mercantes brasileiros. O ataque provocou a morte de centenas de pessoas e colocara o país numa posição marcadamente delicada quanto à decisão de integrar o conflito global. Diante da dimensão do ataque, o então presidente Getúlio Vargas poria fim à neutralidade do Brasil e declarara guerra à Alemanha e

aos seus aliados. Na esteira dessa decisão, os generais brasileiros, em aliança militar com os Estados Unidos, criam a FEB, que teve como principais expoentes os generais Mascarenhas de Moraes, Eurico Gaspar Dutra e Castelo Branco. O país onde a atuação dos Expedicionários foi a mais expressiva foi a Itália. Centenas de heróis anônimos brasileiros perderam suas vidas em prol de uma luta comum na história recente: pôr fim à crueldade das políticas nazistas. Pouco sabemos da história de vida, luta e dedicação dos expedicionários brasileiros, homens de coragem que deixaram as suas casas e somaram forças aos países aliados tendo no horizonte um mundo melhor e mais justo. Muitos desses heróis saíram das nossas terras, da nossa gigante Minas Gerais, e lutaram bravamente. Por tantas razões honrosas, a Câmara Municipal de Varginha, em 1981, por meio do Projeto de Lei nº 1.230, determina que a Ave-

nida Hum, situada no bairro Santana, passa a denominar-se “Avenida dos Expedicionários”. O vereador José Alexandre Ribeiro, autor do Projeto de Lei, assim justifica essa importante homenagem: “A exemplo de inúmeras cidades, também, é nosso dever, prestar aos Expedicionários, que tão gallhardamente defenderam o nosso país na última Guerra Mundial, a nossa homenagem. Esta avenida está situada no bairro Santana, e foi pavimentada recentemente, larga e extensa, que acredito estar à altura desta homenagem. Com a aprovação deste projeto estamos cumprindo o nosso dever, de dar um pouco de nós, aos que lutaram por nós, arriscando e perdendo a própria vida.”. Quem então passa pela Avenida dos Expedicionários, na nossa Varginha, não apenas revisita a história, mas também presta uma homenagem aos brasileiros que defenderam a paz mundial.

Avenida Francisco Navarra



EXTENSÃO APROXIMADA:

657,4 m



Chegue fácil e conheça este endereço.

A família Navarra, desde a sua chegada em Varginha, simboliza a força de trabalho e a prosperidade, guardando em si memória material e imaterial, e fortalecendo a vocação de crescimento social, econômico, político e cultural. Os Navarra deixaram a Itália para (re)começar a vida no Sul de Minas e, como explica o historiador José Roberto Sales, a família “integrou-se rápida e organicamente à sociedade local”. Visionária, diversificou negócios, gerou emprego, renda e ajudou a compor um quadro de desenvolvimento nos mais diversos segmentos, sobretudo, na cultura local: de cinema, bandas de música, coros religiosos, circos, touradas, até Carnaval e procissão, os Navarra “logo perceberam o gosto do varginhense pelo espetáculo em suas mais variadas formas de expressão”. Foi então que essa família de vanguarda decidiu imortalizar o orgulho da população varginhense com a construção do

Theatro Capitólio, em 1927, o primeiro de muitos outros incentivos para o patrimônio cultural e histórico da cidade. O prédio, que hoje fica na Rua Presidente Antônio Carlos, antiga Rua Direita, foi tombado pelo Codepac (Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha) em março de 2000. Mas nem só de arquitetura e de cultura se faz o nome da família Navarra em Varginha. Empreendimento, geração de emprego e de renda, e também a paixão pelo futebol escrevem a árvore genealógica desses italianos. Francisco Navarra foi um dos quatro irmãos que ajudou a fundar, em 1912, quando o Brasil vivia a segunda década da recém proclamada República e a Europa voltava os olhos para a Primeira Guerra Mundial, uma das casas de oficina mais tradicionais do Sul de Minas, Navarra & Irmãos, popularmente

conhecida como Casa Navarra (localizada na Rua Alves e Silva, antiga Rua dos Comissários). De oficina mecânica, passando por caldeiraria, funilaria, agência da marca norte-americana Ford, até se especializar na venda de materiais para construção, e fechar as suas portas, em 1990. Francisco Navarra, um dos fundadores da Casa, manteve a robusta força econômica e empreendedora da família e decidiu abrir campo para outra grande paixão: em 1940, criou o primeiro time profissional da cidade, o Navarra Esporte Clube. Entusiasta do futebol varginhense, Francisco ajudou a escolher as cores do time e os jogadores, muitos deles de gabarito, consolidando o nome da cidade no cenário esportivo nacional: “Esquadrão Navarra”, popularmente conhecido como “homens de preto”, e que durante décadas fez barulho nas traves mineiras.

Quem passa pela avenida Francisco Navarra, no centro varginhense, talvez nem se dê conta da homenagem nela feita a um nome que ajudou a consolidar a história do comércio e também do futebol da nossa cidade. Uma família que ajudou a compor “o ambiente e o meio geográfico”, numa história de formação identitária de todo um povo.

+info

CURIOSIDADE

O Navarra Esporte Clube enfrentou grandes times do cenário nacional, como o Flamengo, da capital fluminense.

Avenida dos Imigrantes



EXTENSÃO APROXIMADA:

1,13 km



Chegue fácil e conheça este endereço.

A história da imigração brasileira está profunda e simbolicamente vinculada com a do estado de Minas Gerais. Desde os tempos da exploração do ouro no Brasil, no final do século XVII e durante o século XVIII, foram milhares de estrangeiros que deixaram para trás o legado e os afetos no seu país de origem em busca de se re-escrever uma nova história numa terra tão fértil, que tudo dá. Gente que cresceu e prosperou aqui, que edificou o patrimônio da cidade na mesma medida que edificou sonhos, que contribuiu para a riqueza e o desenvolvimento de atividades econômicas essenciais, molas propulsoras para a fundação de novas cidades, além de soprar as ideias de soberania e de independência, como a Inconfidência Mineira. Como Varginha, que teve o seu caminho aberto por bandeirantes portugueses e por tropeiros comerciantes. A nossa vocação para o desenvolvimento consolidou o perfil mi-

gratório tão plural e diversificado. Do ouro ao café, num cenário até então desenhado por portugueses e africanos, o Sul de Minas passa a ser composto, com a abolição da escravidão em 1888, também por italianos, que substituiriam a população afrodescendentes nas lavouras cafeeiras. Ao final do século XIX, quando o Brasil já havia proclamado a República, a força de trabalho italiana já abria as portas do comércio (a nossa história começa oficialmente em 1882), e os negócios prosperam a tal ponto que contávamos com uma vida cultural intensa, teatros, moinhos de trigo e beneficiamento de café, produto que sempre foi um importante fator de desenvolvimento para a região, principalmente em decorrência da forte influência paulista na região. Gente de outras partes do mundo continuaram a vir para cá, como os sírio-libaneses, imigrantes estes que viviam em sua maior parte

do comércio de produtos da capital paulista. Já em tempos mais modernos, a partir da década de 1970, Varginha também recebeu diversas famílias japonesas, atraídas pelas novas oportunidades de trabalho geradas pelos seus compatriotas aqui na cidade: a empresa alemã, na época, a CBC, que possuía uma unidade fabril em Varginha e foi adquirida por um grupo nipônico. Desde então, a formação populacional da nossa região, tão miscigenada e plural, acolhe imigrantes de todas as partes. Dos bandeirantes luso-brasileiros que iniciaram o quadro político, social e econômico da época, aos taiwaneses que aqui estão investindo, gerando empregos e trabalhando, somos um povo e uma terra que recebem e acolhem de braços abertos. Desde o início da história da sua formação, com os ventos da expansão cafeeira do final século XIX, a nossa cidade soube cultivar, no campo da

tolerância e do respeito, gente de toda a parte. Por isso, os imigrantes que para cá vieram merecem pertencer com afeto à nossa cidade e aqui serem reconhecidos também como patrimônio cultural ao serem homenageados com o nome de uma avenida que percorre diferentes bairros da zona norte de Varginha, como Cidade Nova, São Sebastião e Vargem.

Avenida Manoel Vida



EXTENSÃO APROXIMADA:

3,29 km



Chegue fácil e conheça este endereço.

Manoel Domiciano da Silva, mais conhecido como Manuel Vida, foi um cidadão varginhense que obteve grande destaque pela sua vocação em ajudar aqueles que mais precisam. Em meados do século passado, ele tomou frente de diversos movimentos assistenciais e trabalhou muito pelo desenvolvimento de Varginha. O Projeto de Lei que o homenageou com o nome de um logradouro foi de autoria do vereador Ruy Vitor do Prado, que em um dos trechos do documento, destaca: “Vejo, portanto, plantar bem Manoel Domiciano da Silva, cujo reflexo de seu esforço e dedicação à família está também presente até nos nossos dias.” A Avenida Manuel Vida começa no extremo sul da cidade, praticamente nas águas do Rio Verde. A via passa pelo bairro Imaculada Conceição, cortando-o até chegar no Urupês, terminando na Avenida Alfredo Braga de Carvalho. A avenida é marcada por sua di-

versidade, mesclando casas residenciais, na parte mais baixa, e estabelecimentos, como consultórios, bares, salão de beleza, restaurantes, padarias e laboratórios, na outra ponta. Na Manuel Vida, também há opções de lazer, como Praça do Estudante, que oferece academia ao ar livre. A via também abriga o Cemei Ieda de Carvalho Silva, que atende crianças de 0 a 3 anos de idade.

+info

CURIOSIDADE

A Avenida Manuel Vida está rodeada de rios, isso porque além de ter seu início marcado pelas margens do Rio Verde, a via é uma das principais do bairro Imaculada, que guarda ruas e avenidas como a Rio Doce, Rio São Francisco, Rio Tigre, Rio Negro, Rio Sena, Rio Paranaíba, Rio Madeira, Rio Mississipi, Rio Nilo, Rio Zaire, Rio Eufrates e Rio Danúbio.

Avenida Marlene Pieve Miranda



EXTENSÃO
APROXIMADA:

871,62 m



Chegue fácil
e conheça este
endereço.

Quem mora no bairro São Francisco ou no loteamento Park Imperial pode nem imaginar que o chão que é morada de tantas histórias guarda os passos de Marlene Pieve Miranda, que, desde 2010, dá nome a uma extensa avenida de perfil residencial e comercial, ligando o bairro São Sebastião ao bairro Carvalhos, depois de passar pelo bairro Imperial.

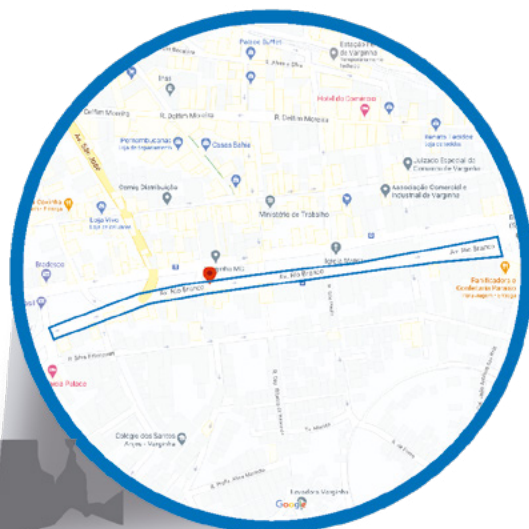
Nascida em Coqueiral, em 1935, a filha de Araripe Pieve e de Julieta Miranda Pieve casou-se com Norberto Miranda. Juntos, eles tiveram quatro filhos: Isabel Cristina Miranda, Renato Miranda, Afonso Miranda e Marcelo Pieve Miranda.

A história da família começa a ser trilhada em Varginha em 1972, data da chegada na cidade e que marca a compra da Fazenda Santa Edwiges. Em 1977, com a morte do marido, Marlene passou a administrar a propriedade, recebendo o apoio dos filhos.

Com o crescimento da cidade, a propriedade foi se inserindo no cenário urbano de Varginha. Neste contexto, em 1987, a Prefeitura negociou uma área da fazenda para a construção de 450 casas, que viriam a dar origem ao bairro São Francisco. Já em 1984, parte das terras foi negociada para a construção do CAIC II e, em 1998, Marlene fez o loteamento Park Imperial. Em 2007, Marlene falece e deixa um legado de trabalho para os filhos, além de ter construído uma história marcada pelos valores cristãos como a caridade, já que costumava participar de eventos religiosos e ajudar a todos que a procuravam.



Avenida Rio Branco



CENTRO

EXTENSÃO
APROXIMADA:

1,34km



Chegue fácil
e conheça este
endereço.

Não é exagero dizer que, dentre as muitas vias de Varginha, a avenida Rio Branco é uma protagonista na longa história da cidade e merece todos os holofotes. Além de ser associada ao início da povoação do município, o endereço que hoje abriga o prédio da Câmara Municipal de Varginha e concentra parte dos prédios altos da cidade, também reuniu, no passado, as ricas residências dos proprietários rurais e algum comércio, quando ainda se chamava Avenida Alves e Silva.

Ao voltar ainda mais no tempo, é possível afirmar, ainda, que a avenida serviu de morada da fé católica do varginhense. Quem conta essa história é o pesquisador José Roberto Sales, autor do livro *Capelas e Igrejas Católicas de Varginha*. De acordo com a publicação, “(...) no século XIX, e nas duas primeiras décadas do século XX, a atual avenida Rio Branco era o principal logradouro da igreja e das capelas. No início da

avenida, estava localizada a Igreja Matriz do Divino Espírito Santo, e em seu Largo, uma das capelas dos Passos”.

Ainda segundo Sales: “Na porção central da avenida situava-se a Capela do Rosário, em cujo Largo erguia-se outra das capelas dos Passos. No final da avenida, dentro do cemitério paroquial (atual Praça da Fonte), havia a Capela de São Miguel e Almas. Na principal rua paralela à avenida Rio Branco, a rua Direita – atual rua Presidente Antonio Carlos, ficavam duas outras capelas dos Passos”.

O mesmo autor conta que, ao acelerar o relógio até as primeiras décadas do século XX, os jardins bem cuidados da avenida e os seus casarões residenciais tornaram-se ponto de encontro para o turista carioca nas férias, que vinha a Minas Gerais interessado na estância hidromineral de Cambuquira, vizinha de Varginha.

Já nas décadas de 60 e 70, a avenida Rio Branco abriu passagem

para diversas manifestações populares: do carnaval de rua às procissões religiosas, qualquer que fosse o evento público tinha local certo. Aliás, tinha não. Tem! Até hoje, por exemplo, a avenida é o destino na peregrinação que reúne os grupos participantes do Encontro Folia de Reis, que distribuem bênçãos aos devotos em virtude do nascimento de Cristo e são considerados um patrimônio imaterial de Varginha desde 2015.

CURIOSIDADE

Você já ouviu falar na “Casa do Povo”? O estabelecimento comercial era uma espécie de armazém de secos e molhados, que funcionou há cerca de cem anos, comercializando açúcar, arroz, sal, queirose, cal, entre outros. O local ficava onde seria, hoje, a Avenida Rio Branco e tinha como proprietário o Capitão João Baptista Braga. Além de comerciante, ele também foi vereador de Varginha, tendo sido eleito com 615 votos,

em 1915, para o mandato de três anos, que se iniciara em 1916.

+info

BIOGRAFIA

O nome de batismo é José Maria da Silva Paranhos Júnior, mas foi como “Barão do Rio Branco” que ele ganhou notoriedade, firmando-se como patrono da diplomacia brasileira. Advogado por formação, também foi jornalista e político, ocupando diversos cargos públicos, principalmente em missões no exterior. O principal legado deixado ao país foi ter anexado um território equivalente a 900 mil quilômetros quadrados apenas com o uso da caneta e sem o derramamento de sangue. Como reconhecimento, o instituto responsável por formar os diplomatas brasileiros foi nomeado em sua homenagem, em 1945, data do centenário do nascimento do Barão do Rio Branco.

Avenida Rogassiano Francisco Coelho



CENTRO

EXTENSÃO APROXIMADA:

1,86 km



Chegue fácil e conheça este endereço.

Rogassiano Francisco Coelho foi um dos maiores fazendeiros de Varginha. Cidadão ativo da comunidade, ele participou da construção da antiga Igreja Matriz do Divino Espírito Santo. Nas redondezas, no Ribeirão de São José, tornou-se um empresário que produzia açúcar, rapadura e pinga. Também comandava um grande engenho de terra que funcionava no período entressafra, beneficiando toda a região. Rogassiano se casou com Dona Margarida Cândido de Jesus, com quem teve 13 filhos. Todos honraram os princípios básicos da educação dos pais, o grande fator de sucesso da família.

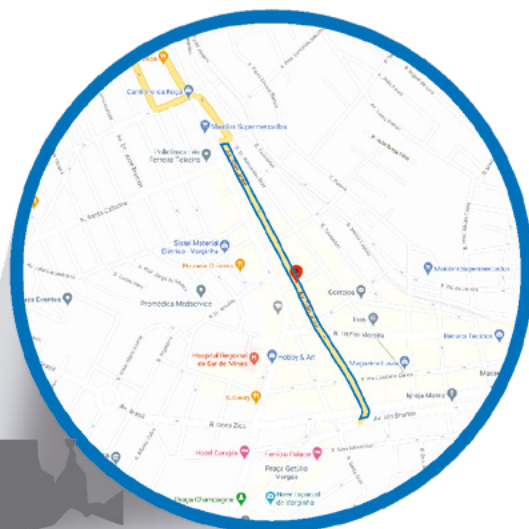
A AVENIDA

A Avenida Rogassiano Francisco Coelho ainda preserva uma vasta área verde em sua volta. Parte da via foi pavimentada há cerca de dez anos e isso teve um papel muito importante para a região, pois o trecho liga os bairros mais

antigos aos mais recentes da cidade. Um dos mais beneficiados com a instalação da avenida foi o Nova Varginha, que de certa forma ficava numa posição isolada, tendo anteriormente uma única via de acesso. Além de melhorar a mobilidade de quem mora no Nova Varginha, a construção da via também beneficiou bairros como o Eldorado e o Santa Luíza. Hoje, a Avenida Rogassiano é uma das principais que dá acesso ao Porto Seco, além de ser a que conecta os bairros mais novos ao shopping Via Café Garden, um dos mais importantes centros comerciais de Varginha.



Avenida São José



EXTENSÃO APROXIMADA:

797,16 m



Chegue fácil
e conheça este
endereço.

Varginha é uma cidade marcada pelo catolicismo desde os primórdios e é natural que São José não esteja presente apenas nas igrejas, mas também nomeando uma das avenidas e até um bairro da cidade. Conhecido como patrono de toda a igreja de Cristo, São José foi carpinteiro, marido da Virgem Maria e um homem devoto à família. De acordo com o portal Nossa Sagrada Família, o santo recebeu a missão de educar e criar o menino Jesus por meio de um sonho, em que um anjo do Senhor teria dito: “José, filho de Davi, não temas receber Maria como tua mulher, pois o que nela foi gerado vem do Espírito Santo”.

Obviamente, a história da avenida que leva o nome de São José não é tão remota como a do homenageado, mas quem volta aos registros do meio do século passado encontra uma avenida com casas residenciais de muro baixo ou em que as portas se abrem diretamente para a rua. Hoje, entre

as fachadas do comércio central, ainda é possível sentir a nostalgia daqueles anos pela fachada das casas e se encantar com as árvores floridas que cruzam o caminho dos pedestres.

Para tornar ainda mais marcante a presença de São José na vida do varginhense, em 2006, a Câmara Municipal aprovou a lei que incluiu a “Festa de São José” no calendário oficial da cidade. A proposição do vereador Paulo Rodrigues aponta a importância da data para o município, assinando que “a festa é um ponto de união para as pessoas da comunidade e atrai devotos de várias outras comunidades”.

CURIOSIDADE

Existe uma cidade mineira chamada São José da Varginha, que contabiliza pouco mais de cinco mil habitantes. De acordo com o portal da Prefeitura, os primeiros desbravadores, incentivados pelo bandeirante Domingos Rodrigues do Prado, chegaram em busca de ouro na região de Pitangui. Um dos primeiros a se firmarem no povoado foi o padre Antônio Moreira Barbosa, que não só fomentou o crescimento do grupo em uma linda vargem como construiu uma fazenda chamando-a de São José, de quem era devoto.

Avenida dos Tachos



EXTENSÃO
APROXIMADA:

17km



Chegue fácil
e conheça este
endereço.

O tacho é um objeto que está no imaginário mineiro há séculos. Sem dúvidas, foi essa espécie de “panelão” o responsável por produzir os melhores e mais famosos doces de Minas Gerais. O nome “tacho”, que faz referência à Avenida dos Tachos, não tem uma origem exata. Há mais de uma história que pode explicar o porquê do termo na região de Varginha, e que vamos contar mais à frente.

A avenida é uma das mais extensas da cidade, isso porque começa no bairro Sagrado Coração, passa pelo Alto da Figueira II e atravessa o perímetro urbano, se transformando praticamente numa estrada de terra que se estende por uma imensa zona rural. Em um determinado ponto da estrada, está localizada a Fazenda dos Tachos, uma antiga propriedade construída por portugueses por volta de 1780, antes mesmo da fundação da cidade de Varginha.

Naquele tempo, a região passou a ser explorada por tropeiros e colonizada por cerca de 2.500 pessoas, formando a Comunidade do Tacho. Há duas versões para a origem desse nome. Uma delas é que do alto das montanhas, ao observar o terreno onde a fazenda está inserida, é possível enxergar, de forma abstrata, um grande tacho. A outra explicação é mais misteriosa: os antigos habitantes diziam que ali, em algum lugar da fazenda, havia um grande tacho de ouro escondido. Seja qual for a origem, a palavra “tacho” tem tudo a ver com Varginha e com o espírito de Minas.

A FAZENDA

A Fazenda dos Tachos pertence a mesma família desde a sua construção, garante Tiago Rezende Bernardes, filho de Zezinha Rezende, atual proprietária. De lá para cá, o plantio de café ganhou espaço e hoje o grão

produzido pela família possui certificado de exportação. Reconhecido Brasil afora por sua ótima qualidade, o café é um orgulho para Varginha e para a família que vem aprimorando as técnicas de produção de geração em geração. A fazenda também é um importante ponto turístico da região, abrigando um restaurante e uma cafeteria que servem suas famosas infusões.



Mais do que valer por mil palavras, a fotografia tem a capacidade de registrar um momento único, singular e que jamais poderá ser vivido novamente. Desse registro, fica o incentivo, a quem a contempla, de revisitar a história e os sentires daquele momento que um dia fez parte da vida de alguém.

No álbum de fotos das páginas a seguir, os leitores do livro *Ruas e Avenidas* poderão conferir imagens da Coleção Nico Vidal (CEDOC/Fundação Cultural de Varginha), um lugar de memória que reúne não apenas a história da Varginha de décadas e décadas atrás, mas também de como a nossa gente capturou um tempo, um lugar e as suas personagens como forma de colecionar um legado genuíno para a gente varginhense que viria pela frente.





Avenida Rio Branco



Avenida Ruy Barbosa



Rua Paraná



Rua São José



Praça Getúlio Vargas



Rua Santa Cruz



Rua Antônio Bregalda



EXTENSÃO APROXIMADA:

2 km



Chegue fácil e conheça este endereço.

Nascido na Itália, no ano de 1889, Antônio Bregalda mudou-se para o Brasil ainda “menino de calças curtas” como se dizia no passado, aos oito anos de idade. Já em Varginha, morou na Fazenda das Poses, que era propriedade de Matheus Tavares, um dos primeiros plantadores de café e responsável pela vinda de muitos imigrantes italianos para o país – em decorrência da abolição da escravidão e da política de atração de mão de obra para trabalho nas lavouras. Bregalda dedicou toda a sua existência à vida rural. Além do trabalho no campo, também se casou com Julia Roquim, aos 18 anos. Juntos, tiveram nove filhos: três homens e seis mulheres. Aos 25 anos, passou a morar no bairro da Vargem, onde está localizada a via que leva o seu nome. Trabalhador incansável, comprou terras e abriu as portas para muitos italianos, tendo se naturalizado brasileiro na juventude. Também foi um dos fundadores da Escola

Municipal Matheus Tavares, vindo a falecer em 1960. Conhecer a história de Bregalda é uma oportunidade ímpar para se saber mais sobre a importância dos italianos para a história de Varginha, uma narrativa contada pelo historiador José Roberto Sales, no texto *Imigração Italiana em Varginha (1888-1920)*: “Alguns anos após chegarem a Varginha, a situação de muitos dos imigrantes italianos era de prosperidade econômica, integração com a comunidade e reconhecimento social. A mão de obra italiana possibilitou a prosperidade da lavoura cafeeira, principal cultura do município exportada para todo o Brasil e Europa, de onde partia do porto do Rio de Janeiro para Nápoles. (...) inicialmente, os italianos trabalharam nas lavouras, depois passaram a administradores das fazendas, em seguida, tornaram-se pequenos proprietários de sítios e chácaras. Na cidade,

dedicaram-se ao comércio (padarias, bares, materiais de construção, ferramentas de trabalho na lavoura, gêneros alimentícios etc) e a empresas administradas pela família nas quais, por vezes, eram também empregadores de pessoas estranhas ao meio familiar (marcenarias, marmorarias, serralherias, fábricas de bebidas e ladrilhos hidráulicos). Por volta de 1914, a prestação de serviços já havia se agregado aos outros ramos de atividades: comissariado de café, barbearia, ferraria, funilaria, sapataria etc. Posteriormente, com o aumento do nível de escolaridade, os italianos tornaram-se profissionais liberais. De modo geral, apenas para compreensão didática, o percurso profissional desses imigrantes deu-se na seguinte ordem: agricultura (zona rural) → comércio, empresas e prestação de serviços (zona urbana) → profissionais liberais. Evidentemente, ao longo do tempo, essas atividades poderiam existir

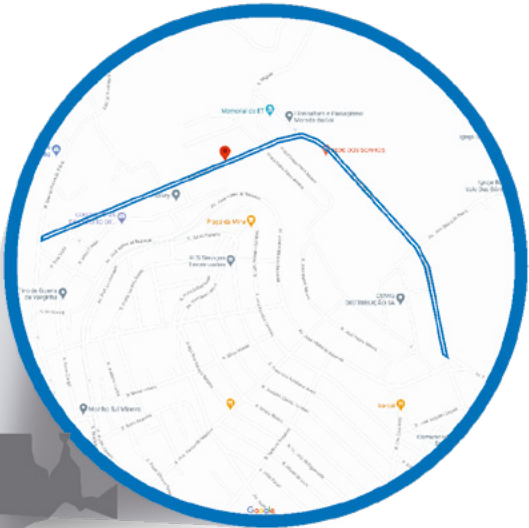
de modo simultâneo nas diferentes gerações das famílias” aponta o pesquisador em sua obra.

+info

CURIOSIDADE

Ainda de acordo com Sales, “mais de uma centena de logradouros públicos de Varginha (132 ruas, 6 avenidas, 3 praças e 7 bairros) possuem denominações de patronímicos ou topônimos italianos em homenagem à contribuição deles para a história local”.

Rua Aristides Paiva



EXTENSÃO
APROXIMADA:

1,72 km



Chegue fácil
e conheça este
endereço.

Um dos sobrenomes mais importantes para a história de Varginha sem dúvidas é “Paiva”. Há um bairro e diversas vias que trazem o nome dessa família, como as ruas Francisco Aureliano Paiva, José Olavo de Paiva e Gabriel Penha de Paiva. É também o caso da Rua Aristides Paiva, uma das mais extensas da Vila Paiva.

Aristides foi um atuante vereador de Varginha que cumpriu dois mandatos, sendo o primeiro entre os anos de 1951 e 1954, e o segundo entre 1955 e 1958, um período muito importante na história do Brasil. Foi na década de 1950 que aconteceu a inauguração da primeira rede de televisão aberta brasileira, a TV Tupi. Foi nesse período em que Getúlio Vargas assumiu a presidência pela última vez e ficou no cargo até 1954, quando cometeu suicídio no Palácio do Catete, no Rio de Janeiro. Foi também nessa época em que Juscelino Kubitschek

assumiu a presidência com o seu famoso plano desenvolvimentista que faria o país avançar “50 anos em 5”.

Nos anos 1980, a Rua Aristides Paiva ainda era praticamente uma estrada de terra e com poucos moradores ao redor. Hoje, é uma via importante que conecta a Vila Paiva aos bairros São Lucas, Campos Elíseos e Vila Maristela, além de ser caminho obrigatório de quem vai até o Memorial do ET, na parte alta do bairro. Aliás, a Vila Paiva tem uma das vistas mais privilegiadas da cidade, onde se consegue observar o telhado das casas e os prédios localizados na parte mais baixa de Varginha.

+info

CURIOSIDADE

Aristides foi neto de Francisco Aureliano de Paiva, filho de Gabriel Penha de Paiva e irmão de José Olavo de Paiva, todos homenageados com nomes de ruas. Além disso, o terreno onde está construída a Escola Estadual Gabriel Penha de Paiva, que também homenageia o pai de Aristides, foi doado pelo próprio filho.

Rua Delfim Moreira



CENTRO

EXTENSÃO
APROXIMADA:

757,23 m



Chegue fácil
e conheça este
endereço.

Delfim Moreira foi uma das grandes personalidades de Minas Gerais e chegou a ser presidente do Brasil em 1918.

Nascido em Cristina, cerca de 141 km de Varginha, formou-se em Direito pela Faculdade de Direito de São Paulo e atuou como promotor e juiz municipal em Santa Rita do Sapucaí. Foi em Santa Rita onde iniciou a sua vida política como vereador e presidente da Câmara Municipal.

Em 1906, foi eleito senador do estado. Entre 1914 e 1918, exerceu o cargo de presidente (equivalente a governador) de Minas Gerais, destacando-se por restabelecer as finanças do estado. Em 1919, seria vice-presidente do Brasil, na chapa com Rodrigues Alves. No entanto, Alves faleceu antes de assumir o mandato, e Delfim foi declarado presidente interino do Brasil até que houvesse novas eleições.

Seu governo durou menos de um ano, quando seu sucessor Epitácio

cio Pessoa assumiu a presidência em 28 de julho de 1919. Delfim Moreira faleceu em julho do ano seguinte, vítima de uma doença que enfrentou nos seus últimos anos de vida.

A PRESENÇA DE DELFIM EM VARGINHA

O mineiro Delfim Moreira era muito respeitado pelos varginhenses pois, em 1914, ano em que foi eleito presidente de Minas Gerais, esteve na inauguração da companhia elétrica de Varginha, um marco muito importante para a história do município.

A cidade toda estava tão ansiosa pela instalação da companhia elétrica que dias antes a Câmara de Varginha realizou uma sessão extraordinária para tratar da cerimônia e dos festejos que aconteceriam no dia da inauguração. Foram nomeadas duas comissões para recepcionar Wenceslau Braz, então presidente do Brasil, e Delfim Moreira.

Ao chegar em Varginha, Delfim assistiu ao lançamento da pedra fundamental de um grande edifício que ocuparia o Grupo Escolar de Varginha. À noite, junto à comitiva, dirigiu-se até o Teatro Municipal, onde a sessão solene de inauguração da luz elétrica foi realizada.

Foi no início da sessão, às seis da tarde do dia 12 de abril de 1914, pouco antes da tão aguardada inauguração, que o então vice-presidente da Câmara de Varginha comunicou que a rua Municipal passaria a se chamar Rua Delfim Moreira, um gesto de homenagem ao ilustre convidado. Finalizada a sessão solene, Delfim e os demais convidados participaram de um baile organizado pelas moças varginhenses. O teatro, pela primeira vez desde a sua construção, encontrava-se completamente iluminado.

CURIOSIDADE

O maestro Marciliano Braga, na época um famoso professor da Escola Municipal e Mestre de Capela da Igreja Matriz, compôs um dobrado (gênero brasileiro derivado das marchas militares) em sua homenagem.

ANTES E DEPOIS

Por muito tempo, a rua Delfim Moreira ostentava grandes casas, como a residência do Dr. Oswaldo Valadão, um médico oftalmologista que foi muito famoso em Varginha. Na década de 1970, o casarão foi desapropriado para a construção de dois prédios da então Telemig. Já nos anos 2000, um dos prédios foi ocupado pela Procuradoria do Estado de Minas Gerais. Atualmente, a rua é uma das principais do centro de Varginha e majoritariamente comercial, abrigando dezenas de lojas de diversos segmentos.

Rua Dr. José Bísvaro



EXTENSÃO APROXIMADA:

1,10 km



Chegue fácil e conheça este endereço.

No trabalho da medicina, não existe ato isolado. Quando um médico compreende a sua profunda dimensão humanitária e a sua responsabilidade de caráter pessoal e intransferível, esse ofício ressignifica qualquer circunstancialidade e passa a integrar uma dimensão ainda maior: a de salvar vidas. Cada médico leva consigo o compromisso milenar de tornar a vida do outro melhor, mais saudável, mais digna, mais feliz. Afinal, corpo são mente sã. José Bísvaro, médico de origem italiana, é um exemplo que ilustra como o conhecimento profícuo, sempre de mãos dadas à manutenção e restauração da saúde do cidadão varginhense, trabalhou, num sentido amplo, com a prevenção e cura de doenças. Ao longo das suas décadas dedicadas à medicina, José Bísvaro se destaca num conjunto amplo de iniciativas que ultrapassa os limites inerentes à profissão. Fazendo

do jus à tradição do seu ofício, que permeia o tempo e atravessa milênios de história, construiu e consolidou uma carreira voltada à saúde da sua população. Salvando vidas, fez história e deixou um legado incontestável. Todo médico atua para salvar, mas nem todo médico vem para fazer a diferença. Dr. José Bísvaro traz no seu DNA a força de trabalho árduo e a disciplina de uma família que deixou para trás a cidade de Treviso, no início do século XIX, como mão de obra trabalhadora em busca de melhores oportunidades de vida aqui deste lado do Atlântico. A cidade escolhida foi a nossa, Varginha, um campo aberto e frutífero na produção cafeeira do Brasil, e que acolhera a expressiva imigração italiana. O primeiro Bísvaro a fincar raízes na próspera região produtora foi o patriarca Estevam Bísvaro, que por aqui chegou ainda criança, acompanhado pelos pais. E em

terras varginhenses conheceu a também italiana Angela D’Martim, com quem teve 11 filhos, os quais, em sua maioria, dedicou-se ao ofício da agropecuária, tornando-se algumas das mais influentes famílias da região. O caçula dessa grande, notória e destacada família varginhense de trabalhadores da terra e produtores de café decidiu seguir um caminho paralelo: o de ajudar pessoas e salvar vidas através da medicina. O seu trabalho, desde sempre muito humanitário, em breve tempo conseguiu captar a estima e o respeito de toda a população. Um trágico acidente na estrada Fernão Dias tirou-lhe a vida, mas não o legado de promoção da saúde e da solidariedade, imortalizado em uma das ruas mais importantes da cidade.

+info

CURIOSIDADE

A tradição da família Bísvaro, de Varginha, remonta à Itália, mais precisamente à cidade de Treviso, uma comuna da região do Vêneto, e que atualmente possui cerca de 84 mil habitantes. O nome tem origem milenar e faz referência a uma planta típica da região. As variantes de Bísvaro, a partir do século XII, são: “Guiscardus”, “Guicciardus” e “Viscardus”. O primeiro deles foi documentado em 1059, fazendo referência a um nobre duque daquele ano. Somente em 1753, ainda em Treviso, é que o nome Bísvaro passa então a ser consolidado, com o nascimento de Gaetano Bísvaro, filho de Domenino e Zanella Crosato.

Rua Dr. Wenceslau Braz



CENTRO

EXTENSÃO APROXIMADA:

785,90 m



Chegue fácil e conheça este endereço.

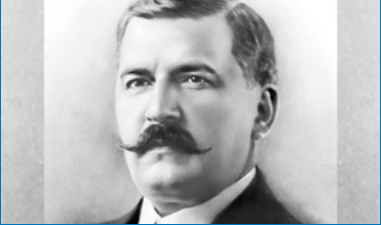
Quem caminha pelo movimentado calçadão da rua Dr. Wenceslau Braz nem imagina como essa rua tem história, assim como o ex-presidente do Brasil que a nomeia. Que tal voltar no tempo para conhecer mais sobre essa via? Em 1850, Varginha já contabilizava cerca de trezentas edificações na região central. Porém, foi a inauguração da linha férrea, ainda no final do século XIX, que fez a cidade crescer a passos largos, com a abertura de empresas e a realização de obras de infraestrutura como calçamento e iluminação pública. Na virada do século, também é inaugurado o Theatro Municipal (1904) e o Cinema Brasil (1910), provavelmente o primeiro do Sul de Minas. Segundo as fontes consultadas, a rua Wenceslau Braz, como é conhecida hoje, já teve o nome de rua de São Pedro e, anteriormente, rua da Chapada. O nome definitivo só foi dado em 12/4/1914, com a vinda de Wenceslau Braz,

presidente da República já eleito e que viria a tomar posse no final daquele mesmo ano, à Varginha. O ex-presidente veio à cidade, acompanhado de Delfim Moreira e Jovina de Figueiredo Frota, para a inauguração da usina da Companhia Mercantil, que viria a fornecer luz elétrica para cerca de dez cidades, incluindo Varginha e Três Corações. O político mineiro foi o responsável por “apertar o botão que ligou” a luz elétrica, conectando Varginha a um novo patamar civilizatório. Nessa data, os convidados também participaram de uma sessão especial da Câmara, realizada no Teatro Municipal, sob o comando do vereador Antonio Rebello da Cunha, então presidente do parlamento varginhense. Desde então, muita coisa mudou. Na década de 20, a rua era residencial e pacata. Já nos anos 80, o perfil da via tornou-se comercial, com as famílias residentes trocando de endereço e abrindo

espaço para os lojistas. De fato, foi apenas em julho de 1988 que um trecho da rua, entre as ruas Presidente Antonio Carlos e Delfim Moreira, foi transformado em calçadão. Mais recentemente, assim como outras vias do centro, a rua Wenceslau Braz foi inclusa em um projeto de revitalização.

CURIOSIDADE

Além de dar nome à rua de Varginha, Wenceslau Braz também é o nome de outras duas cidades brasileiras, de acordo com o IBGE Cidades. O município mais populoso está no Paraná e contabiliza pouco mais de 19 mil habitantes, tendo recebido o nome em 1929, ainda como distrito. Já a cidade mineira tem 2.548 habitantes e foi nomeada em 1964. Vale pontuar que esse último município também é, informalmente, chamado de REPI, em referência à Rede Elétrica Piquete-Itajubá, usina hidrelétrica instalada na cidade.



BIOGRAFIA

Wenceslau Braz nasceu na cidade que hoje é chamada de Brasópolis (MG), em 1868. Graduou-se em Direito, foi intendente municipal (equivalente ao cargo de prefeito); deputado estadual (1892-1898); secretário do interior (1898-1902), deputado federal e líder da bancada mineira (1903-1908), governador de Minas Gerais (1909-1910) e vice-presidente da República. Chegou à presidência em 1914, após o chamado “Pacto de Ouro Fino”, selado entre São Paulo e Minas Gerais. Seu governo coincidiu com a Primeira Guerra Mundial, além de ter enfrentado greves trabalhistas e a gripe espanhola. No âmbito familiar, foi casado e teve sete filhos. Faleceu em 1966, em Itajubá (MG).

Rua Humberto Pizzo



EXTENSÃO APROXIMADA:

943,31 m



Chegue fácil e conheça este endereço.

Em meados do século passado, mais precisamente em 23 de maio de 1953, a nossa cidade perdia uma de suas figuras mais ilustres da imigração italiana no Sul de Minas Gerais, e que ajudou a abrir as portas de Varginha: o marceneiro Humberto Pizzo. A origem do sobrenome Pizzo nos remonta à uma ancestralidade profundamente ligada à antiga família Abruzesa. Pizzo ou Pizzi, como eram denominados, tem a sua história registrada na pequena cidade litorânea do Mar Adriático de Ortona, uma comuna italiana da região de Abruzzo, província de Chieti. O comerciante italiano Vitório Pizzo e sua esposa Marieta Fuzette Pizzo cruzaram o Atlântico para então retomarem uma vida de sonhos e ambição ao final do século XIX. Em 1895, nascia Humberto Pizzo, criança espirituosa e cheia de vida, que passou a sua infância na Praça D. Pedro II (conhecida como Jardim do Sapo).

Após uma longa temporada de estudos na cidade do Rio de Janeiro, Humberto Pizzo retorna à sua cidade natal onde ficou até o fim da sua vida. De comerciante reconhecido, seguindo os passos de seu pai, a escrivão e também um marceneiro fundamental para a edificação histórica de Varginha. Pizzo executou trabalhos em madeira, os quais ainda hoje estão vivos para registrar o ofício singular e cuidadoso de um dos mais expressivos artesãos da cidade, como as portas principais da entrada do Hospital Regional do Sul de Minas e os confessionários da Matriz do Divino Espírito Santo. Hoje, quem passa pela Rua Humberto Pizzo, paralela às frondosas árvores do Parque Zoológico Municipal Dr. Mário Frota, passa também pela história de um homem que “exerceu com justiça, amor e bondade, por muitos anos o alusivo cargo, chegando a ser homenageado pela Câmara

de Vereadores de Belo Horizonte, como o melhor, o nº 1, dos escrivães de polícia.”. Por essas e tantas outras razões, em 1976, dezesseis anos após o seu falecimento, a Câmara Municipal de Varginha decide homenagear a figura ilustre de Humberto Pizzo, imortalizando o seu nome e o seu legado numa das principais ruas da cidade.

Rua Irmão Mario Esdras



CENTRO

EXTENSÃO APROXIMADA:

662 m



Chegue fácil e conheça este endereço.

No ano de 1917, a pedido do Monsenhor Leônidas, os Maristas chegaram à cidade para assumir o Ginásio Municipal de Varginha. Com a nova direção, também se mudou o nome da instituição, que passou a ser chamada de Ginásio do Sagrado Coração de Jesus. Sendo assim, em 1918, a escola abriu as portas para 97 estudantes, iniciando um ciclo de muito aprendizado, preparando os alunos que sentaram naqueles bancos escolares para ganhar o mundo. Parte dessa história é relatada no site do Colégio Marista, que reconhece o papel fundamental do Irmão Mário Esdras, o Mes-trinho, nessa trajetória. O educador, nascido na França, em 13 de abril de 1881, tinha como nome de batismo Ephrem Jouglas, tendo ingressado na Congregação Marista aos 15 anos, quando, conforme a tradição, adotou o nome religioso de Irmão Mário Esdras.

O irmão chegou ao Brasil com apenas 17 anos e sem falar português. Inicialmente, trabalhou no Colégio Marista de Congonhas do Campo. Em seguida, já no ano de 1921, mudou-se para Varginha, onde pôde compartilhar todas as suas competências como mestre. Foi professor de física, matemática, desenho, francês, serralheria, relojoaria, eletricidade, mecânica, apicultura, além de ensinar fabricação de bebidas e de queijos, entre outros. O mestre também gostava de teatro, fotografia e era um exímio datilógrafo. Além de compartilhar todo o seu saber com os alunos do Colégio Coração de Jesus, de onde foi vice-diretor, ajudou a manter uma escola noturna para alfabetização de adultos. Faleceu aos 78 anos, em 7 de setembro de 1959.

+info

CURIOSIDADE

O legado do irmão marista Esdras foi reconhecido pela nossa cidade de várias formas: recebeu o título de Cidadão Varginhense, teve uma escola estadual batizada em sua homenagem, na Vila Floresta, e contou com uma rua que leva o seu nome na Vila Pinto – tal nomeação aconteceu em 1973, a partir da proposição do então vereador e professor Wanderlei Bueno Oliveira. No relatório anexo à solicitação, encontram-se os dizeres: “Qual de nós não fomos aluno (sic) do Mes-trinho. Qual de nós não conservamos um de seus ensinamentos”.

Rua Presidente Antônio Carlos



CENTRO

EXTENSÃO
APROXIMADA:

855,09 m



Chegue fácil
e conheça este
endereço.

Antônio Carlos foi uma figura mineira de muito destaque para o estado e para o Brasil. Em Varginha, seu nome estampa as placas da Rua Presidente Antônio Carlos, uma das principais do centro e das mais importantes da cidade. Apesar de estreita, a via é movimentada e concentra dezenas de estabelecimentos de diferentes gêneros, uma forte referência de comércio para o varginhense.

A Rua Presidente Antônio Carlos também abriga um dos maiores e mais tradicionais espaços culturais de Varginha: o Teatro Capitólio, inaugurado em 1927. O edifício ainda guarda elementos decorativos do Período Eclético, caracterizado pela mistura de vários estilos arquitetônicos em uma única obra. Na década de 1970, o teatro enfrentou um período desafiador, passou a funcionar como sala de cinema e chegou a ser desativado. No entanto, em 1983, foi adquirido pela Prefeitura, que realizou obras de

reparação e reforma desde então. De lá para cá, o Capitólio já foi palco de grandes eventos nacionais e internacionais realizados pela Fundação Cultural.

Assim como outras antigas vias do centro, a Antônio Carlos guarda lembranças de um passado remoto. Edifícios verticais foram construídos nos últimos anos e hoje dividem espaço com algumas casas do século anterior. Quem encontra lojas de assistência técnica para celulares, o que há de mais tecnológico em nossas mãos, não imagina que nesse mesmo logradouro já existiu uma famosa oficina de consertos para televisores de tubo. Televisores esses que muitas vezes funcionavam, a muito custo, através do sinal VHF.

QUEM FOI ANTÔNIO CARLOS

Antônio Carlos Ribeiro de Andrada foi um notável político e ocupou cargos públicos de grande destaque nacional. Chegou a ser

prefeito, senador, governador do estado e até ministro da fazenda durante o mandato do presidente Wenceslau Braz.

Filho de político, Antônio Carlos nasceu em Barbacena, em Minas, e formou-se em Direito pela Faculdade de Direito de São Paulo, assim como Delfim Moreira e Wenceslau Braz. Iniciou sua vida pública como promotor em Ubá, Minas. Lecionou história geral e direito comercial na Academia de Comércio de Juiz de Fora. Também atuou como jornalista no *Jornal do Comércio de Juiz de Fora* e ainda fundou o *Diário Mercantil* na mesma cidade, onde também se tornou ve-reador. Em 1905, esteve à frente da Prefeitura de Belo Horizonte. Foi eleito senador estadual em 1907 e permaneceu até 1910. Em seguida, foi eleito deputado federal e chegou a ser líder da maioria da Câmara Federal. Antônio Carlos trabalhou intensamente em tudo que fez, mas ocu-

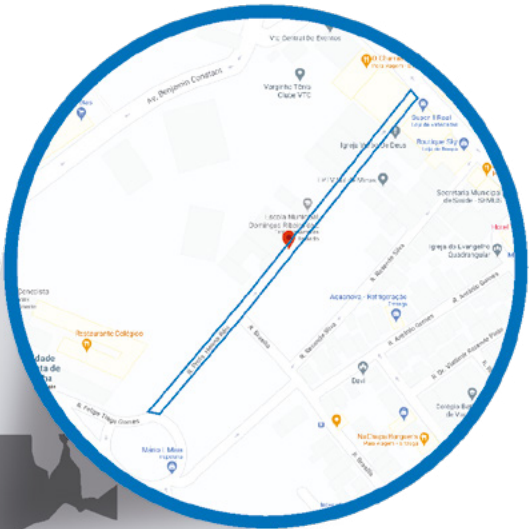
pou o cargo de mais relevância em 1926, quando foi eleito presidente de Minas Gerais pelo Partido Republicano. Ao governar o estado, fundou a UMG (atual UFMG), a primeira universidade do estado, construiu escolas, reorganizou a rede ferroviária do Sul de Minas, criou o Instituto Mineiro de Defesa do Café e modernizou as chamadas Estâncias Minerais.



CURIOSIDADE

Há três municípios brasileiros que homenageiam a memória do ex-governador: Antônio Carlos, próximo à Barbacena, Andradas, na divisa com o estado de São Paulo, e Antônio Carlos, em Santa Catarina.

Rua Professora Helena Reis



CENTRO

EXTENSÃO APROXIMADA:

310,34 m



Chegue fácil e conheça este endereço.

A professora Helena Reis dá nome a escola, rua e muita história. Mineira de Carmo da Cachoeira, entendeu desde muito cedo que o seu ofício era o de educar. Filha muito estimada e admirada de Antônio José dos Reis e de Mariana Clara de Gouvêa Reis, Helena ainda era muito jovem quando decidiu seguir os estudos na capital de Minas Gerais, Belo Horizonte. Lá, ainda muito jovem, mas cheia de esperança, formou-se professora na Escola Normal. Tal decisão, de formar-se como professora, deu início a uma trajetória de total dedicação à uma das missões socialmente mais engajadas e emancipatórias que é a de levar conhecimento. De corajosa e destemida que foi, Helena projetou a profissão em outros lugares deste tão vasto mundo: na Universidade de Indiana, nos Estados Unidos, cursou várias áreas do ensino elementar; anos mais tarde, do outro lado do Atlântico, estagiou no Centre International

d'Études Pédagogiques de Sérves, na França. Helena Reis viveu e aprendeu por longos anos, nestes lugares tão especiais e enriquecedores, o que lhe permitiu polivalência e versatilidade para encarar e exercer as mais diversas funções na área educacional no estado de Minas Gerais: desde professora de Ensino Primário, Normal e Ginásial, a orientadora técnica de curso primário e vice-diretora. O contato com as funções de supervisão e direção levou-a ao Grupo Escolar Ribeiro Rezende de Varginha, onde exerceu várias funções: inspetora regional de ensino e chefe de agrupamento de Inspeção e também do setor sul do Ensino Primário em Varginha. Mas, antes de seguir caminho para Varginha, onde fez carreira, ainda brilhou na educação na cidade de Brasília, onde foi diretora do Departamento de Ensino Elementar, membro do Con-

selho de Educação do Distrito Federal, vice-presidente do Conselho de Educação do Distrito Federal e Técnica de Educação, além de outras importantes atividades até 1964. Helena Reis, nascida em 13 de agosto de 1908, cumpriu a sua missão com eficiência, segurança e competência até 21 de maio de 1965, quando deixou saudades nos corredores de tantas escolas da nossa cidade.

+info

CURIOSIDADE

O legado de Helena Reis na educação brasileira e mineira, com especial carinho para a nossa Varginha, onde lecionou até o fim da sua vida, pode ser habitado de forma abrangente, amorosa e carinhosa na escola que leva o seu nome: Escola Municipal Professora Helena Reis - CAIC II, à rua Oswaldo Sigiane, S/Nº, Parque das Acácias.

Rua Professora Reina Esper



CENTRO

EXTENSÃO
APROXIMADA:

380 m



Chegue fácil
e conheça este
endereço.

Reina significa rainha. Sem dúvida, uma bela introdução para apresentar a professora Reina Esper Trombini, que recebeu esse nome por ter nascido no Dia de Reis, data cristã que celebra o encontro dos três reis magos com o menino Jesus. A docente amava a vida e deixou como legado a sua alegria marcante, presente no sorriso e também no olhar. Uma orientadora pedagógica dedicada a fazer a diferença na comunidade escolar e que trabalhou durante toda a sua trajetória profissional na rede pública de ensino em Varginha. Nascida no município, em 06 de janeiro de 1949, Reina carregava na sua história o caminho percorrido pelo pai, Antonio Assad Esper, imigrante vindo do Líbano, que passou pela Argentina e escolheu o Brasil como morada. Comerciante, ele conheceu a esposa, Ana Elias Esper, na cidade mineira de Arceburgo. Já residentes em Varginha, a família abriu um

armarinho na Avenida Rio Branco, bem em frente à Igreja Matriz. Foi neste endereço tão icônico da cidade que Reina cresceu ao lado dos irmãos. Ao todo, foram 12 filhos. Crianças que compartilhavam uma rotina de brincadeiras e também de muito estudo. Reina avançou com entusiasmo pelos anos escolares. Cursou, ainda, a faculdade de Pedagogia, começando a lecionar bem antes de conquistar o diploma universitário. Dentre as instituições que trabalhou estão a Escola Estadual Afonso Pena e Escola Municipal José Camilo Tavares, sempre colaborando para melhorar o processo de aprendizagem e fomentar o desenvolvimento pessoal de cada criança ou jovem, atuando como interlocutora na relação entre alunos, professores e gestores escolares. No tempo livre, gostava de praticar esportes, sendo a natação e o vôlei as suas modalidades preferidas. Também gostava de viajar e

pular o carnaval, além de ser católica praticante, uma fé que trouxe do berço e lhe serviu de alicerce também para enfrentar os percalços na sua história. Reina foi casada com Eduardo Trombini, com quem teve um único filho, falecido antes de completar um ano de idade. A professora partiu há mais de vinte anos, deixando enorme saudades nos amigos, familiares e profissionais que tiveram o privilégio de conviver com ela.

+info

CURIOSIDADE

A homenagem de nomeação à rua foi uma solicitação de uma professora, chamada Vera, com quem Reina trabalhou.

Rua Rio de Janeiro



EXTENSÃO APROXIMADA:

1,85 km



Chegue fácil e conheça este endereço.

Nenhuma outra cidade foi tão enaltecida pela música brasileira do que o Rio de Janeiro. Mas, para entender a real importância do município para o país, é preciso ir bem além da beleza que os nossos olhos enxergam, compreendendo o papel geopolítico fundamental que a cidade teve como capital do país por 197 anos, posto perdido em 1960, com a inauguração de Brasília. Mas por que, afinal, foi preciso deslocar a capital de Salvador, um porto mais próximo da Europa, para uma cidade na região sudeste? De acordo com a Câmara dos Deputados (Congresso Nacional), Minas Gerais teve um papel fundamental nessa decisão. Com o início do chamado Ciclo do Ouro, que nomeia uma fase de exploração intensa do minério em solo mineiro, tornou-se imprescindível transferir a capital para um local que permitisse fácil acesso e maior proteção a Minas Gerais.

Nesse contexto, o Rio de Janeiro tornou-se o ponto de partida para a exploração do ouro, a partir de um caminho aberto pelos Bandeirantes, que passava pela Serra do Mar e pela Serra da Mantiqueira. Assim, a cidade foi oficializada como capital em 1763, quando contava com 50 mil habitantes. Em 1808, com a chegada da Família Real Portuguesa ao país, o Rio de Janeiro tornou-se o centro administrativo de todo o Império Português, que incluía, também, países como Angola e Moçambique, por exemplo. Entretanto, em 1822, quando a Família Real retornou a Portugal e foi proclamada a independência do Brasil, as minas de ouro já haviam sido esauridas e um novo produto assumira o protagonismo econômico: o café. Neste novo capítulo da história econômica brasileira, Minas Gerais continuou se destacando, com o sul do estado sendo fundamental para o fortalecimento da ca-

feicultura. Segundo o Centro do Comércio de Café do Estado de Minas Gerais, as lavouras impulsionaram a economia de cidades como Guaxupé, Varginha, Poços de Caldas, São Sebastião do Paraíso, Cabo Verde, São Sebastião da Gramma, Três Corações, Alfenas e Lavras. Por conta do café, as histórias de Varginha e do Rio de Janeiro continuam se cruzando. A cidade mineira é um dos maiores polos de comercialização do produto do mundo, reunindo armazéns, prestadores de serviços e corretoras graças à localização estratégica em relação a Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro. Embora o porto carioca não seja o principal destino da produção varginhense, ele continua a ser uma via importante para escoar a produção mineira.

CURIOSIDADES

De acordo com o Blog do Madeira, o dia 28 de maio de 1892 foi uma data histórica para Varginha. Naquele dia, a cidade recebeu o primeiro trem, por meio da Estrada de Ferro Muzambinho. Tal iniciativa teve no Major Matheus Tavares da Silva, primeiro Presidente da Câmara Municipal de Varginha (cargo que equivale ao de Prefeito na atualidade), um grande incentivador. O major teria emprestado dinheiro para que os trilhos chegassem até Varginha, após anos de luta. Tal conquista foi fundamental para o avanço da cidade, agilizando, inclusive, o escoamento do café produzido na região.

Rua Salum Assad David



CENTRO

EXTENSÃO APROXIMADA:

1,48 km



Chegue fácil e conheça este endereço.

O bairro Santa Luíza, em Varginha, é abraçado por uma rua que leva consigo um nome de expressiva importância para o nosso município: Salum Assad David, que na década de 1920 deixou para trás a sua terra natal, o Líbano, e buscou por um novo horizonte de vida no Sul de Minas Gerais.

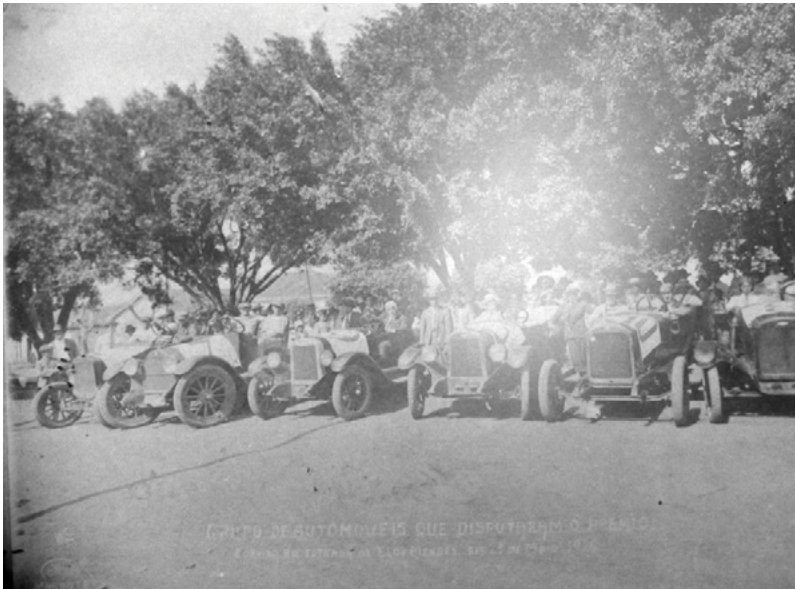
Libanês forte e disposto a recomeçar a vida em um país estrangeiro aos seus olhos e conhecimento, Salum Assad deu início à sua vida em Varginha exercendo o que sabia fazer de melhor: empreender. Começou como mascate, uma profissão muito antiga, que remonta à Antiguidade e ao Oriente Médio, e que se dedicava à venda em domicílio.

O trabalho árduo do senhor Salum foi a mola propulsora para continuar crescendo, se expandindo e consolidando o seu espírito engajado, trabalhador e empreendedor. Em pouco tempo, abriu duas lojas na cidade e edi-

ficou os primeiros prédios horizontes varginhenses.

Pouco antes de falecer, em 1978, inaugurou o que hoje é considerado um dos mais tradicionais hotéis da região, o Fenícia – dono de uma das vistas mais privilegiadas de Varginha.

Salum Assad David deixou sete filhos e um legado de construção socioeconômica, cultural e identitária para o Sul de Minas.



Rua Santa Cruz

O nome “Santa Cruz” está amplamente difundido no Brasil e na América do Sul, e em sua grande maioria está relacionado à chegada dos europeus no continente. Há cidades e comunidades na Argentina, Chile e Bolívia, por exemplo, com o nome “Santa Cruz”.

No Brasil, existem municípios em diferentes estados que também trazem o “Santa Cruz” na certidão. É o caso de Santa Cruz de Minas, Santa Cruz de Salinas e Santa Cruz do Escalvado, em Minas Gerais. Também há Santa Cruz da Baixa Verde, em Pernambuco, Santa Cruz dos Milagres, no Piauí, e Santa Cruz da Esperança, no estado de São Paulo. Aliás, o Brasil era chamado de Terra de Santa Cruz pelos portugueses no ano seguinte à chegada. Naquele tempo, para os lusitanos, o termo significava o sentido da propagação da fé nas “novas terras”, influência de uma Europa católica.



EXTENSÃO APROXIMADA:

916,42 m



Chegue fácil e conheça este endereço.

A RUA SANTA CRUZ

Quem passa pela rua Santa Cruz, no centro da cidade, percebe que existe uma mistura forte de passado e presente na arquitetura, seja nas casas e prédios residenciais ou nos edifícios que abrigam pontos de comércio. Apesar da modernização que os últimos anos trouxeram à via, ainda há elementos que nos levam aos tempos remotos de Varginha e trazem um ar de mistério e charme entre um passo e outro.

Nessa rua, viveram membros de uma das famílias mais conhecidas na cidade durante o século passado. Trata-se dos Mílem Sales, imigrantes libaneses que chegaram ao Brasil entre o final do século XIX e o início do século XX. No livro *O Silêncio do Patriarca*, o autor José Roberto Sales apresenta uma rica pesquisa científica sobre a história da imigração libanesa em Varginha e cita muitas curiosidades sobre a rua.

Durante muitos anos, o picolé do Bar do Mílem, que se estabeleceu em uma esquina da Rua Santa Cruz com a Avenida Rio Branco foi, sem dúvidas, um dos mais famosos. Os tradicionais sabores de creme, coco, abacaxi e limão eram conhecidos na cidade inteira, e começaram a ser fabricados, anteriormente, na própria rua Santa Cruz, num prédio com a Rua Valentim Couto.

Durante muito tempo, as construções da via eram todas horizontais e contavam, no máximo, com sobrados. As casas eram amplas e muitas possuíam jardins bem cuidados. A propósito, o centro que conhecemos hoje já foi bem diferente. Varginha era menor e ainda preservava um ar de cidade pequena, de tal maneira que na Santa Cruz havia até quintais imensos com galinheiros que acordavam a vizinhança bem cedinho.

CURIOSIDADE

Muitos logradouros do centro de Varginha sofreram alteração no nome ao longo dos anos. É o caso da Rua Delfim Moreira, por exemplo, que era conhecida como Rua Municipal. A Rua Santa Cruz é assim conhecida desde 1890, sendo uma das poucas que tiveram o nome preservado.

Rua Tiradentes



EXTENSÃO
APROXIMADA:

871,58 m



Chegue fácil
e conheça este
endereço.

Todo país grandioso, como o Brasil, possui um grande herói. Quem começou essa tarefa de se reescrever uma identidade genuína e autenticamente brasileira foram os poetas românticos, que se dedicaram à tarefa de ressignificar o indígena e toda a exuberância de flora e fauna como os heróis nacionais. Mas antes mesmo dessa poesia do século XIX, também conhecida como indianista, surgia um herói real, que participara e lutara pela liberdade do povo brasileiro, mesmo que viesse tardia: *Libertas quæ sera tamen*, marca da Capitania de Minas Gerais, no Brasil do ciclo do ouro, no século XVIII, hoje bandeira do estado mineiro.

Esse herói é Joaquim José da Silva Xavier, mais conhecido, do Oiapoque ao Chuí, dos litorais ao Sul de Minas, como “Tiradentes”, figura que dá nome a avenidas, rodovias, praças, bairros e ruas, como aqui immortalizada, na nossa Varginha. Esse apelido hoje tão popular faz jus ao seu ofício: uma das suas

profissões foi a de dentista amador, mas também tentou a sorte como tropeiro, minerador e mascate. O único ofício que lhe rendera alguma estabilidade e reconhecimento entre notórias figuras de sua época foi o de alferes. Enquanto militar (de baixa patente), mais especificamente da cavalaria Dragões Reais de Minas, era obrigado a defender as terras e o ouro da Coroa Portuguesa, na Capitania de Minas Geraes.

Mas se o ilustre alferes trabalhava a favor do Império Português, por que se insurgir? Leitor curioso e especialmente interessado pelas ideias iluministas e pela independência dos Estados Unidos (1776), o pensamento crítico de Tiradentes e de muitos dos seus contemporâneos trouxe luz a um momento de grave exploração: a constante retirada das riquezas da região e a cobrança de impostos da Coroa. Isso porque, no fim do século XVIII, a economia portuguesa não ia nada bem – uma conta que, in-

variavelmente, chegava para os mineiros na forma do “quinto”, uma taxa de 20% do total do ouro extraído. O problema agravou-se com a implementação da “derrama”, que obrigava os mineradores a cobrirem com suas posses o que faltava na quantia do quinto.

Diante de tantos desmandos, inspirados no modelo de descolonização e nas ideias europeias, muitos foram os mineiros e as figuras intelectuais que se reuniram em Vila Rica já a conspirar a revolução. Todos os homens ali reunidos tinham os seus motivos pessoais para participar da conspiração, mas a maioria era por dívida com a Coroa.

Mesmo sem o aparato bélico necessário, inconformes, como Tiradentes, decidiram se revoltar, em 1789, inspirados no modelo de descolonização e nas ideias europeias, com o plano de finalmente transformar o Brasil numa república livre e independente.

Os desdobramentos de um motim começam a se desenhar. Em solo

mineiro, começam os choques de interesse e, com isso, o posicionamento dos insurgentes. Alguns se entregam, muitos negam, outros escapam, restando apenas, na linha de frente da responsabilidade da Inconfidência Mineira, Tiradentes.

A revolução só teve fim em 21 de abril de 1792, quando o inconformado mais entusiasmado e fervoroso foi preso, enforcado, decapitado e esquartejado em praça pública, diferentemente de muitos dos outros companheiros de luta armada, que, temendo severas punições, não confessaram seus crimes. A imagem de Joaquim José da Silva Xavier, herói da inconfidência mineira e da nação, tornou-se um ícone da liberdade e da independência do Brasil.

Em Varginha, Tiradentes dá nome a uma rua que já teve parte da sua história subtraída com a demolição de prédios e residências, no início do século passado. Hoje, buscando se ressignificar, a rua busca uma identidade própria, singular, que a caracterize tal como a sua figura inspiradora.

Conheça e acompanhe os programas que a Câmara de Varginha criou pensando na nossa cidade.



Câmara nas Escolas

Compartilhar conhecimento é um compromisso sempre presente no cotidiano do Legislativo. Por meio deste projeto, a Câmara ajuda a despertar a consciência política de crianças e jovens da rede pública de ensino. Na soma de todas as edições até 2020, foram realizadas palestras em 12 escolas e distribuídas 1.890 publicações educativas aos estudantes.



Câmara nas Empresas

Valorizar quem gera empregos e trabalha em Varginha é prioridade. Com a criação deste programa, os vereadores visitam e se aproximam das empresas, conhecendo de perto as demandas do setor produtivo. Ao longo do projeto, 10 empresas abriram as portas para os vereadores, entre elas PCH Boa Vista II, Fermavi, Porto Seco, Coletek, Minasul, Electro Plastic, Inter Aduaneira, Jofadel, Fertipar, Eudora - Boticário.



Câmara Social

Ajudar quem está em situação de vulnerabilidade é preservar a dignidade. Por meio do Câmara Social, os vereadores visitam instituições assistenciais, com o objetivo de compreender os desafios enfrentados. Diante das informações, criam projetos de lei mais assertivos para gerar recursos tanto para as instituições quanto para as comunidades atendidas. Já foram visitadas as entidades Recanto da Criança Feliz, Fundação Varginhense de Apoio aos Excepcionais (Fuvae), Projeto Bem-Te-Vi, Centro Cultural da Juventude e Associação Voluntariado Vida Viva.



Escola do Legislativo

Investir em educação política é um dos pilares do Legislativo varginhense. Com a Escola do Legislativo, mais de três mil pessoas já participaram de atividades de formação da entidade, incluindo 151 estudantes. Uma oportunidade para se aprender sobre o papel de cada um dos três poderes, entender como nascem as leis e compreender os direitos e deveres do cidadão.



Câmara nos Bairros

O Câmara nos Bairros percorre as quatro regiões de Varginha para ouvir o que a população de cada localidade tem a dizer. Em 2018, o projeto realizou visitas em diferentes pontos da cidade para discutir o novo Plano Diretor com toda a população, apresentando propostas e colhendo demandas dos munícipes de cada região. Em 2020, o projeto foi aprovado na Câmara com a coparticipação popular.



Câmara Cast

Sempre antecipando tendências e movimentos importantes na comunicação em rede com a população, a Câmara de Varginha criou o seu próprio podcast, mais um canal de interação que tem como objetivo ampliar o lugar de fala da cidadã e do cidadão de Varginha, num espaço que garante uma comunicação clara e direta, aberta para questionamentos, dúvidas e sugestões.

Câmara Municipal de Varginha
Legislatura 2017 a 2020

Mesa Diretora 2020:

Zilda Silva – Presidente
Carlos Costa – Vice-presidente – *in memorian*
João Martins Ribeiro – Vice-presidente
Dudu Ottoni – Secretário

Vereadores

Anderson José Firmino
Carlos Lúcio Ferreira
Carlos Roberto Rodrigues
Celso Ávila Prado
Cláudio Marcício Vidal Abreu
Fausto da Silva França
Fernando Guedes de Oliveira
José de Alencar Faleiros
Josué Campos Narciso
Leonardo Vinhas Ciacci
Reginaldo de Oliveira Tristão
Zacarias Abrão Piva

Varginha/MG, dezembro de 2020.

Produção de texto, edição e diagramação:

Versão Br – Comunicação e Marketing

FONTES CONSULTADAS:
ARTIGOS

“A Formação da Cidade de Varginha/MG e a Chegada dos Serviços Urbanos (1882-1920)”, escrito por Natânia Silva Ferreira.
“Imigração Italiana em Varginha (MG) – 1888-1920, escrito por José Roberto Sales”.

LIVROS

A Emancipação Político-Administrativa de Varginha (MG) – 1982, escrito por José Roberto Sales.
Atas da Câmara Municipal de Varginha (MG) no Brasil Império 1882-1889, escrito por José Roberto Sales.
Capelas e Igrejas Católicas de Varginha (MG) – 1763/1913, escrito por José Roberto Sales.
Imigração Italiana em Varginha (MG) – 1887-1927, escrito por José Roberto Sales.
Movimento Separatista Sul-Mineiro de 1892: Fatos, Versões e Imaginário Político, escrito por José Roberto Sales.
O Silêncio do Patriarca – História da Família Milem Sales em Varginha, escrito por José Roberto Sales.
Varginha – MG na República Oligárquica – Atas da Câmara Municipal 1915-1916, escrito por José Roberto Sales.
Varginha (MG) na República da Espada – Atas do Conselho de Intendência (1890-1892) e do Conselho Distrital (1893-1894), escrito por José Roberto Sales.

SITES

Associação dos Municípios do Largo de Furnas (alago.org.br)
Blog do Madeira (blogdomadeira.com.br)
Câmara de Varginha (camaravarginha.mg.gov.br)
Colégio Marista de Varginha (marista.edu.br/varginha)
CPDOC/FGV – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil/Fundação Getúlio Vargas (cpdoc.fgv.br)
Diocese da Campanha – MG (diocesedacampanha.org.br)
Fundação Alexandre de Gusmão – Centro de História e Documentação Diplomática (funag.gov.br)
Fundação Cultural de Varginha (fundacaoculturaldevarginha.com.br)
Gazeta de Varginha (gazetadevarginha.com.br)
IBGE Cidades (cidades.ibge.gov.br)
Infoescola (infoescola.com)
JUSBRASIL (jusbrasil.com.br/home)
Marinha do Brasil (marinha.mil.br)
Museu Regional Casa dos Ottoni/Ibram (museuregionalcasadosottoni.museus.gov.br)
Prefeitura Municipal de Varginha (varginha.mg.gov.br)
Projeto Compartilhar (projetocompartilhar.org)
StadiumVarginhense (stadiumvarginhense.blogspot.com)
UNITPAC – Universidade Instituto Tocantinense Presidente Antônio Calos (unitpac.com.br)
Varginha Online (varginhaonline.com.br)

Ruas e Avenidas



**CÂMARA
MUNICIPAL DE
VARGINHA**